

## UMA ACHEGA ETIMOLÓGICA

Há uma palavra portuguesa que tem desafiado a argúcia dos nossos etimologistas, sem que até hoje nenhum dêles lograsse assinalar-lhe uma origem aceitável, à luz da fonética e da semântica. Trata-se nem mais nem menos que de *acabrunhar*.

Em seu excelente *Dicionário Etimológico*, cita apenas o prof. Antenor Nascentes a opinião de João Ribeiro, que a dá como derivada de *caput pronare*, mas acrescenta logo o dicionarista ser impossível tal étimo tanto fonética como historicamente. Aliás, diga-se de passagem que, antes de João Ribeiro, já o Lacerda aventara a mesma hipótese. Não sabemos se o filólogo patricio se abeberou no velho lexicógrafo ou se, como era muito de sua índole, chegou ao mesmo resultado de *motu proprio*. Talvez mesmo tenham ambos entrevisto a suposta origem em Festus, no passo em que, falando de *capronae*, arum, diz: *equorum iubae in frontem deuexae, dictae quasi a capite pronae*. (Ver *De Verborum significatu*, p. 42).

Diez, Körting e Meyer-Lübke não registam o termo. Adolfo Coelho e Figueiredo não se dignaram sequer fazer uma conjectura acêrca da sua procedência. Consignam-no apenas, sem indicar-lhe a origem. A pretendida relação com *acabramar*, que Domingos Vieira assinala, é coisa tão estranha que não merece exame.

Em tão densas trevas, vamos ver se é possível abrir uma clareira que nos permita descobrir a forma originária de que promanou, ou poderia ter promanado, a voz em apreço.

Havia em latim o vocábulo *caper*, *ri*, que, segundo Varrão, citado por Aulo Gélio, tinha o sentido de bode castrado: *is demum latine dicitur qui excastratus est*. (*Noct. Att.*, 9, 9, 9), ao passo que *hircus* designava o animal antes da castração. Nos escritores romanos, entretanto, aparece *caper* com o sentido precisamente igual ao de *hircus* e, nesta acepção, o consignam os vocabularistas do idioma de Cícero. Uma prova disto en-

essas entidades rústicas davam expansões ao seu instinto licencioso. As festas consagradas a Baco, por isso chamadas *Bacanais*, ficaram célebres nos fastos do grande povo. Tamanha era a devassidão, reinante nelas, que uma lei as proibiu, a benéfico público.

contra-se em Vergílio que, imitando a Teócrito em uma de suas éclogas, traduz o grego *enórchan* (macho) do poeta siciliano por *caper*:

*Tityre, dum redeo — brevis est via — pasce capellas,  
Et potum pastas age, Tityrè; et inter agendum  
Occursare capro, cornu ferit, caveto.*

(*Bucol.*, IX, v. 23).

“Títiro, enquanto não volto — o caminho é curto — apascenta as cabrinhas e, depois de fartas, leva-as a beber, Títiro; acautela-te de ficar diante do bode (*capro*), êle fere com o chifre.”

A par de *caper*, houve também em latim *capro, nis*, que deixou representantes em algumas línguas românicas: *cabrão* (port.), *cabrón* (esp.), *caprone* (ital.), *kavrun* (eng.) e conjecturalmente *chevron* (franc.). (Ver Meyer-Lübke, REW, n.º 1651). De *capro, nis*, formou-se o verbo \* *caproniare*, ou melhor \* *accaproniare*, com a junção do prefeixo *ad*. Desta forma, verbal deve ter saído o nosso *acabrunhar*, não sem haver primeiro passado pelo estágio intermédio \* *acabronhar*. (Cfr. *testimoniu* > *testemonho* > *testemunho*).

Foneticamente, pois, não apresenta dificuldade a etimologia proposta. Apreciemos o caso agora pelo lado semântico.

O bode foi sempre considerado animal indecoroso, símbolo da luxúria. Não admira assim que gregos e romanos representassem com cornos e pés de cabra, às vèzes até com metade do corpo caprino, as suas divindades campestres, que gozavam a vida em plena natureza, perseguindo, com requestos amorosos, as ninfas ingênuas dos bosques e das florestas. Esta representação, se por uma parte revela uma face da atividade pastoril e agrícola do povo grego e romano, em seus primórdios; por outra, reflete, de certo modo, a crença que eles tinham de que os caprípedes eram animais luxuriosos. Basta que se evoquem os nomes de Baco e Pan, ou dos Silvanos, Silenos, Faunos e Sátiros. O folclore romano está cheio de episódios, em que essas entidades rústicas davam expansões ao seu instinto licencioso. As festas consagradas a Baco, por isso chamadas *Bacanais*, ficaram célebres nos fastos do grande povo. Tãmanhã era a devassidão, reinante nelas, que uma lei as proibiu, a bem do povo público.

Mas reatemos o fio de nossa exposição.

Os excessos lúbricos do reprodutor caprino haviar trazer, como consequência, certa debilitação orgânica, re da externamente no seu ar de depressão e abatimento, o justifica a criação de um verbo, para indicar êsse estado. luxúria um dos vícios que mais abatem e deprimem; o tod indivíduo luxurioso denuncia algo de doente, enfraqueci debilitado. *Acabrunhar*, portanto, no sentido de abater, litar, é metáfora perfeitamente admissível, diríamos mesm tural.

Não temos infelizmente um dicionário latino das vras usadas pela baixa classe romana, o que talvez nos f tasse a pesquisa nesse terreno ingrato. Quem sabe se j latim da sarjeta, ou da suburra, não teria *capro* a signific pejorativa que entre nós tem *cabrão*? A concordância se tica existente entre o vocábulo português *cabrão* e o espa *cabrón* leva-nos a acreditar que, ao menos no latim da P sula, adquirira *capro* o sentido depreciativo que êles co vam. A ser isto verdade, a significação de *acabrunhar* se afigura facilmente explicável. Com efeito, a repugnância todos sentem por essa figura de ludibriado conciente, ba para justificar o estado de constrangimento ou vexame, er vive no meio da sociedade.

Nem se julgue que a contribuição dos animais ao bulário é pequena; que o não é, provou-o à saciedade Sai no seu ótimo trabalho intitulado *La création metaphoriqu français et en roman*.

O nosso trato constante com os vários representantes fauna, principalmente doméstica, induz-nos a criar um g número de palavras para exprimir qualidades ou ações sendo próprias dêles, por semelhança aplicamos depois às turas humanas e às coisas. Destarte é que se explicam a tência de *açorar* (açor), *amuar* (mu), *aperrear* (perro), *alhar* (vaca), *acavalhar* (cavalo), *bugiar* (bugio), *bacorejar* (coro), *encorujar* (coruja), *embezerrar* (bezerro), *encan* (cão), *emporcalthar* (porco), *embestar* (besta), *encabritar* (brito), etc.

Cremos que foi Bluteau quem primeiro dicionariz termo *acabrunhar* que confessa ter colhido na linguagem c À linguagem chula pertence também *cabrão* no sentido p cular que ora focalizamos. Pode-se dizer que todas as cri

acima apontadas não têm outra origem, foram forjadas pelo povo e só em sua linguagem a princípio tiveram livre curso.

Não apresentamos a etimologia, como coisa definitiva e certa, apenas como uma achega para os que futuramente tratarão do caso. Dê-se-lhe, portanto, o valor que ela merece, de simples sugestão, e nada mais. (\*)

ISMAEL DE LIMA COUTINHO

- (\*) Estava já escrito o presente artigo quando o prof. Silva Neto, a quem o lemos, nos chamou a atenção para o capítulo **Etimologias Controversas** da obra de Joaquim Ribeiro, intitulada **Origem da língua portuguesa**, onde o distinto homem de letras e estudioso da linguagem já preconiza a etimologia por nós aqui proposta. Foi-nos fácil a verificação. Com efeito, cabe a Joaquim Ribeiro a paternidade do étimo, mas a quem quer que o leia, se patenteará logo que, de acôrdo quanto à origem, divergimos na maneira de explicar a coisa. Por isso, achamos que o nosso artigo não está inteiramente destituído de oportunidade e nos damos parabens por nossa opinião coincidir, sem o sabermos, com a de um moço, cujo valor não reflete apenas a herança de um grande nome, mas soube ajuntar a esta títulos próprios e sobejos, que o tornam credor da nossa admiração.